



Sistemas agroflorestais e agrobiodiversidade no Baixo Rio Negro: geração de renda e conservação ambiental

*Agroforestry and agro-biodiversity in the Lower Rio Negro:
income generation and environmental conservation*

MENEZES, Márcio¹; SEMEGHINI, Mariana²; KURIHARA, Leonardo³; FILHO, JOSÉ⁴

1 IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas e Rede Maniva de Agroecologia, mzmarcio@yahoo.com; 2 IPÊ, mari_anavilhanas@ipe.org.br; 3 IPÊ, leonardo@ipe.org.br; 4 Agricultor

Resumo: Um diagnóstico realizado pelo IPÊ em 2006 na região do Baixo Rio Negro, margem esquerda do Rio Negro, Manaus/AM, apontou assistência técnica e alternativas de renda como demandas das comunidades. Por meio de metodologias participativas, fundadas no diálogo de saberes, focou-se na construção de propostas que valorizassem a sociobiodiversidade local. Entre 2011 e 2014, foram realizadas oficinas e trocas de experiências voltadas à educação agroflorestal e à implantação de sistemas agroflorestais - SAF's. Atualmente, existem 30 áreas de SAF na região. Para fortalecer a produção agroecológica e a valorização dos produtos da agrobiodiversidade local, os agricultores criaram a Rede Tucumã do Rio Negro, que tem articulado ações voltadas à infraestrutura da associação, produção, comercialização e acesso a políticas públicas.

Palavras-Chave: Sistemas agrícolas, agricultura familiar, conhecimento local, agrobiodiversidade.

Abstract:

A diagnosis made by the IPE in 2006 in the region of the Lower Rio Negro, Manaus / AM, pointed technical assistance and income alternatives such demands of communities. Through participatory methodologies, based on a dialogue of knowledge, focused on building proposals that value the sociobiodiversity site. Between 2011 and 2015, were conducted workshops and exchanges of experiences focused on agroforestry education and implantation of agroforestry / SAF. Currently, there are 30 areas of SAF in the region. To strengthen the agro-ecological production and the value of products of local agro-biodiversity, farmers created the Tucumã Network of the Rio Negro, which has articulated actions the association of infrastructure, production, marketing and access to public policies.

Keywords: Systems agricultural, family agriculture, local knowledge, planting diversified, agro-biodiversity.

Contexto

A população do Baixo Rio Negro, área rural de Manaus, desenvolveu todo um saber-fazer na convivência com os rios e elementos da floresta, sendo agricultura, pesca, caça e extrativismo as principais atividades produtivas.



Os sistemas agrícolas na região envolvem um mosaico de espaços cultivados, onde se destacam os quintais, roçados e capoeiras, integrados à floresta. A agricultura praticada consiste no sistema de corte e queima. A mandioca, considerada espécie cultural-chave do sistema, é responsável por 70 variedades cultivadas. Cultivam-se ainda 54 espécies em diversos estágios de domesticação e de hábitos (arbóreas, raízes, tubérculos, ervas).

Apesar de toda riqueza e potencialidade, os produtos da agrobiodiversidade local (frutas, raízes, doces, farinha de mandioca, tapioca, entre outros), vem perdendo espaço, principalmente por não conseguir promover melhoria efetiva na renda, refletindo na qualidade de vida das pessoas. Os principais fatores que contribuem para esse cenário estão relacionados à dificuldade de escoamento e inserção dos produtos no mercado por meio de canais diretos de comercialização.

Em contrapartida, nas últimas décadas, esta área tem se consolidado cada vez mais pela exploração madeireira (madeira serrada para construção civil e produção de espetos para churrasco). Esta atividade vem sendo desenvolvida de forma ilegal e insustentável, além de ser realizada sob condições sociais precárias.

Em 2005 o IPÊ iniciou diálogos com as comunidades da região, onde a demanda por alternativas de renda e assistência técnica em agricultura se destacaram como prioritárias. Após a realização de um Diagnóstico Rural Participativo, a instituição focou suas ações no fortalecimento dos produtos da sociobiodiversidade com valor sociocultural e potencial econômico. A avaliação tanto do DRP, quanto das pesquisas iniciais, sinalizaram a importância local da agricultura e produção do artesanato. Assim, buscando potencializar as cadeias produtivas da sociobiodiversidade, o IPÊ passou a articular capacitações e trocas de experiência, e assessorar os grupos sociais locais em sua organização (associativismo), nas práticas agrícolas (agroecologia e sistemas agroflorestais) e em tecnologias sustentáveis (agroindustrialização, boas práticas e aprimoramento da produção).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA



A adoção de sistemas agroecológicos pelos produtores é uma estratégia para fortalecer os sistemas agrícolas tradicionais articulando com outras práticas de uso da terra que contribuam para o aumento da diversidade e produtividade, de forma a garantir a soberania alimentar, a melhoria da renda, a conservação da biodiversidade e a recuperação de áreas alteradas.

Desde 2011, o IPÊ tem realizado oficinas e encontros de formação e troca de experiência envolvendo comunidades da região. Estas atividades abriram um diálogo com as comunidades sobre a eliminação do uso do fogo nos roçados, aproveitamento da matéria orgânica como fonte de nutrientes, aumento da produtividade dos sistemas agrícolas e o incremento de variedades de plantas nos roçados com espécies frutíferas e florestais. Entre 2011 e 2014, foram implantadas três hortas agroecológicas em parceria com as escolas das comunidades, 30 áreas de SAF's na região em capoeiras de diferentes estágios (2 a 10 anos), sendo uma área coletiva de um grupo de mulheres, o clube de mães Maria de Nazaré, com objetivo de fornecer matéria prima para produção de doces.



Roçado sem fogo e diversificado: linhas de abacaxi servindo como guia de espécies frutíferas



Mutirão de implantação de SAF

Em todas as áreas, foram plantadas mandioca ou macaxeira, mudas de banana e de abacaxi. Dentre as arbóreas, registrou-se uma diversidade de 21 espécies: ingá, araçá-boi, biribá, abacate, graviola, abiu, fruta pão, cupuaçu, bacuri, rambutã, jaca, manga, mari, açai, bacaba, andiroba, mogno, piquiá, seringa, sova e castanha. E,



ainda, as espécies de ciclo curto jerimum, maxixe, cubiu e as leguminosas, feijão guandu, leucena, gliricídia e estacas de margaridão.

No intuito de apoiar a organização da produção agroecológica da região para comercialização, o IPÊ realizou um estudo sobre a cadeia da agrobiodiversidade, que levantou dados sobre a produção, desperdício e mercado. A apresentação destas informações para os agricultores incentivou-os a criar uma associação voltada a fortalecer a produção e comercialização, a Rede Tucumã do Rio Negro.

A associação foi formalizada recentemente e o grupo está implementando um plano de ação elaborado no final de 2014, que consiste em ações de infraestrutura, produção e comercialização. A sede da associação está em construção em forma de mutirão, foi adquirido um barco que está em reforma e estará pronto até o final de abril, para viabilizar o escoamento da produção. Agricultores da Rede têm participado da Feira Orgânica de Manaus e outros eventos. E um projeto de contrato com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) está em fase de elaboração.

Além destas ações, o IPÊ tem apoiado o desenvolvimento e aprimoramento de produtos beneficiados, como forma de evitar o desperdício da produção e agregar valor ao produto. Em parceria com chefs, instituições de ensino e pesquisa, foram realizadas capacitações em culinária regional e produção de doces, utilizando espécies da agrobiodiversidade local, e uma experiência com frutas desidratadas.



Oficina de culinária com chef do restaurante Banzeiro (Manaus)



Agricultores na Feira Orgânica de Manaus



Como resultados destacam-se o interesse dos agricultores e jovens, pela agricultura de base ecológica, o fortalecimento e empoderamento da organização coletiva de agricultores, a valorização da agrobiodiversidade e do conhecimento local, e o aumento na renda das famílias envolvidas.

Os agricultores que experimentaram o uso de sistemas agroflorestais observaram os seguintes resultados: facilidade no arranque da roça (por ter sido plantada com muita matéria orgânica, ela se desenvolve na “flor” do solo, facilitando assim sua colheita); possibilidade de abertura e plantio da roça em qualquer época do ano já que não depende do período seco para atear fogo; significativa diminuição da mão de obra para limpeza das áreas; substituição da enxada pelo facão; diversificação dos roçados com espécies perenes; crescimento, produtividade e vigor das espécies perenes e da mandioca superiores à roça manejada com fogo.

Em 2010 e 2013, esta metodologia recebeu o Prêmio Professor Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente 2010. Em 2012, foi uma das 25 experiências selecionadas no país como “boa prática de educação ambiental na agricultura familiar” pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, publicadas em livro. E em 2013 recebeu o Prêmio Melhores Práticas em Gestão Local da Caixa Econômica Federal.

Agradecimentos

Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal, Fundo Vale, Brazil Foundation e Rede Maniva de Agroecologia.